

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## PEQUENA CHRONICA

### EDUCANDO

E' indiscutivel, reconhecido por todos os criticos e por todos os pensadores, que a Biblia é ain la, e será talvez por todo o sempre, o primeiro livro escripto que se conhece.

Ita nella toda a escala chromatica das paixões e dos sentimentos humanos. Tem a sentimentalidade das dôres e tem a alleuia dos sorrisos. Descreve os soffrimentos de Job, n'um tremulo de paciente resignação, como um tremulo de violinos gementes, e canta os hossanas de David, n'um rufo aureo de alegrias admascadas e vermelhas. Ora, diz a Biblia que nem só de pão vive o homem.

E nós dizemos tambem que nem só de luxo vive a mulher.

Barcellos tem os atractivos naturaes d'um cosmorama excellente e magnifico. Ares impregnados de aromas, aromas carmezinaes de perfumes e perfumes sobre dourados de collos argenteos e luarados de mulheres formosas.

Mas falta-lhe alguma cousa ainda.

E' necessario ir educando.

Falta-lhe a escola superior, a superioridade do bom tom que quer apresentar tanto em saliencia. Nem só de luxo se vive, e não é o luxo que torna sympathica e notavel uma povoação.

Os atavios do fato, as distincções de vestir, o capricho da moda, são nada, são um zero na objectividade sociologica humana.

De nada serve que uma mulher vista bem, que frize caprichosamente o cabelo, que walse doidamente, que no teclado d'um piano arranque notas tremidas e nervosas, se essa mulher não sabe fazer um caldo de galinha, e bispontar na machina Singer as cuecas do marido ou do papá. É verdade que Barcellos tem decurado bastante a conservação, senão a installação de escolas e de cursos de ensino. Não temos um collegio de meninas, a não ser o das irmãs educadoras.

E quem vier de fóra, e olhar para o *frou-frou* dos vestidos e para a *pose* doutoral dos semblantes, hade imaginar que temos collegios modêlos, como na Inglaterra e na Alemanha, onde as damas mais nobres apprendem a gentildade da graça feminina, juntamente com a gentildade pratica de fazer um bom estrugido para o arroz.

Em tempos idos, um rei e um governo portuguez chegaram a decretar a prohibição de certas fazendas para fatos másculos e femininos, porque entenderam que era o luxo demasiado, não só nas pessoas da côrte, mas extensivo já ás classes mais

inferiores, que concorria para a decadencia da nação,—a pobreza do erario real e a magreza das algibeiras particulares. O proprio rei, para dar o exemplo, vestiu-se de saragoça, fabricada na Covilhã.

Ora eu não decretaria, mas aconselharia apenas ás damas barcelenses que se deixassem de tanta cousa importa-la lá de fóra...

Admitte-se em Lisboa que os homens uzem chapu de sêda, e as mulheres se vistam caro para ir á Avenida ou a S. Carlos.

Mas em Barcellos, onde todos se conhecem, desde os avós até aos tataranetos, onde toda a gente sabe d'onle uma pessoa vem, quem é, e para onde vae, é exquisito, é mesmo pesado, ser necessario fazer andar as creadas n'uma roda viva atraz do Agostinho recoveiro, a ver quando chegam do Porto as luvas de oito botões...

Mais cosinha e menos chepeus, mais agulha e menos rendas.

Mesmo por causa das rendas.

Ademais, o luxo é um peccado.

Dizia um padre muito virtuoso, quando uma sobrinha, que tinha, desfazia as mãos e o peçoço na agua:

—Lava a alma.

Não quer isto dizer que as damas barcelenses tenham que lavar a alma. Quer apenas dizer que o luxo é um peccado, e que tambem é preciso olhar para dentro. Que não esteja uma pessoa a brunir como um espelho o peitilho da camisa, e que, mais abaixo, do lado de dentro, esteja a alma negra como um carvão, do remorso d'uma acção má, a desobediencia paterna, uma intriga tecida com arte malefica...

Além do peccado, ainda o luxo tem outro gravissimo inconveniente.

E' ridiculo quasi sempre.

Vê-se tantas vezes a apparencia enganar, tantas vezes o luxo do vestido corresponder á miseria da lar, que já se diz a cada passo:

—Aquella, para andar de chapu, até deixou de almoçar. Come só uma vez por dia.

Ora, n'uma povoação pequena, onde tão bem se sabe quem pode andar de botas de polimento e quem precisa de andar descalço, o luxo demastado, a preocupação requintada da moda, o *aplomb* conselheiral nas mezuras de cabeça, é desnecessario, não fica bem, é mesmo muito ridiculo.

Ainda se o luxo do vestido correspondesse ao luxo do intencimento e do coração...

Bellissima cousa seria então.

Z. SARAYAGO

INTIMO

Dia sem sol e magna côr de sangue...  
Porque não foste lá.

A hostia do altar estava exangue,  
assim como um chrachat...

Fiquei viuvo todo o dia e tarde,  
viuvo inconsolavel.

Morre sem ar a chamma que mais arde,  
sem vento favoravel.

E.

PROVIDENCIAS

A civilidade é uma das bases sobre que repou-  
sa o edificio social. Sim, porque a civilidade não  
é mais que o conjunto de leis tacitas que regu-  
lam as nossas acções na sociedade, que nos obri-  
gam a accutar a moral e as conveniencias, res-  
peitar a superioridade de posição, a superiorida-  
de de talento e de idade. E nós, vendo todos os  
dias pedir-se providencias á Camara porque tal  
rua está intransitavel, ao pelouro das aguas por-  
que a canalisação está rota em certo ponto, ao  
da luz, porque esta é insufficiente, ás autorida-  
des policiaes, porque os gatunos campeiam im-  
punes, e as desordens succedem-se com notavel  
frequencia, lembrámo-nos de pedir tambem pro-  
videncias ás pessoas que tenham provada influen-  
cia sobre os dandys, para que cesse a falta de  
cumprimento dos mais rudimentares preceitos de  
civilidade; para que se não subam escadas, se-  
guindo senhoras, mas sim precedendo-as, para  
que se não cruzem as pernas quando se está na sua  
presença e se lhes fala, para que se não empre-  
guem phrases empoladas, proprias ou alheias,  
que destoem do *grossolano* do resto da conversa-  
ção. E' pois melhor falar-lhes em estylo proprio,  
correcto, mas ligeiro e simples, porque então,  
torna-se elegante o dizer e é facil de sustentar a  
conversa. Enfim, são tantas as infrações que im-  
possivel é enumeral-as todas; e, para terminar,  
vamos contar o seguinte dialogo, por nós ouvido:

—Então o F. estende a mão ao Dr. X?

—Porque?! Estão de mal?!

—Não; mas como elle é todo cheio de etique-  
tas, e ignora que se não estende a mão a um su-  
perior, sem que elle a estenda primeiro, é isso o  
que me admira.

Mais uma vez, providencias...

—Ai Jesus, estou roubado; valham-me tôde-  
los os sanquetos e sanquetas da côrte do céu e  
da terra; mafarricos do inferno—augabenta p'ra  
riba d'ellos, e vá lá um home estirar o cadavere  
descançado em cima d'uma cama e dormir a som-  
no solto. Nanja eu, que d'hoje em diante não  
torno a pregar o olho...

(E muita gente á porta a ouvir o que o velho

dizia, ali na rua Nova de S. Bento, numa casa  
terra. Aquillo era um reilejo a deitar palavras  
pela bocca fora):

—... Arruda, tres dentes d'alho e toca a dei-  
tar uma venzedéla n'esta casa endiabrada. E são  
pretos os raios dos demonios... Nem que vá a-  
gora xapiar as portas, não me posso ver livre  
d'elles. Nada, zis, vou estourar uma vomva e  
arrevente portanto a caza comigo e com tôdelos  
ladrões.

(E como o homiubo fosse a chegar fôgo á bi-  
cha, um paizana que estava á porta da rua entra  
deatro de casa e susta-o de commetter tal frans-  
so. Foi então que se soube o que exaltou o ve-  
lho áquelle ponto, porque elle continuou com a  
lenga-lenga):

—... Guardei duzentos mal-reis em notas an-  
tre o tecto e o fôrro—porque os ladrões indo ás  
egrejas facilmente, ás nossas casas vão facilissi-  
mamente—e vão os ratos dão com ellas e esmur-  
dicam-mas todas. Arranjem-me um gato preto  
que quero fazer uma feitiçaria para desinfeitiçar  
esta morada... Os ratos roubaram-me, sr. José  
Duar e... D'hoje em diante vou armar ratociras  
por toda a casa; é cousa facil, porque n'uma mal-  
ga e bogalho está uma armadilha. Moveis vão  
desapparecer—tudo hão de ser ratociras. E viva  
o sr. D. Miguel que nos dá patacos e não pa-  
pel... que demais a mais cheira ao bacalhau,  
quer dizer é uma isca para os ratos.

(A questio é que o velho ficou sem o, dinhei-  
ro, e ainda agora falla da desgraça...).

Na regata:

O «Cavado» vinha côlore pelo rio abaixo, como  
as frechas inflamadas vão pelo ar. Muitos no-  
velos de espuma a esborracharem-se na sua proa.  
Bastante suôr nos tripulantes e uma corrente ec-  
lectrica de sensaçao nos amontoados de especta-  
dores. Entra aquelle barco, vencedor, na balisa.  
Rebentam girandolas de aclamações.

Uma senhora magnetisala, talvez, pelos repi-  
ques festivos das ovações, boubardéa o seguinte  
dito:

—«O Secundino vinha agora tão enthusiasma-  
do que até remava com os pés».

O que nos parece d'esta dama é que estava  
tão enthusiasmada que, se desse mais duas rema-  
dellas de lingua—fugiu pelo mar da asnice fôr-  
e chegar ao pólo da ultra burricidade, erum pre-  
cisos só dez minutos...

GENTE FINA

O nosso immortal Camillo tinha preparado, mas  
não chegou a dar á luz, um romance intitula-lo—  
«Os Brocas», (poetas e raças finas).

Agora, lemos no «Jornal de Noticias» de 12 do  
corrente uma noticia referente a um projecta-lo

## A LAGRIMA

pie-nie em Villar. Entre outras couzas de broca, diz: «o pittoresco do local, que fica situado na margem esquerda do rio Cavado, tornando, **portanto** tambem o mais aprazivel...»

Quer dizer. Se fosse na margem direita já não era aprazivel. E, depois: «...o espirito remoçado com reminiscencias *pairando* sobre a materia n'uma agradável superioridade...»

E' da gente morrer a rir.

Elle sempre ha correspondentes e litteratos muito... firos...

### ALBUM DA «LAGRIMA»

Lê-se, em lettras gordas, á porta da quinta de Curvos, na freguezia de Durrães d'este concelho:

«As bideiras foram sulafatadas e quem comer d'ellas morre.»

Não morre nada. Quem pode morrer é o auctor da taboleta por ser muito brutinho, graças a Deus.

«Pois, se elle sabe que ellas *matam*, para que as *sulafatou*? Se é para lhas não comerem, é melhor dizer que estão excommungadas pelo reitor.»

E' uma asneira. Mas as asneiras dos padres tem mais valor.

Que o diga St.<sup>a</sup> Eugénia.

Documento curioso que nos veio ás mãos:

Digo, Eu Domingos da Silva Maia Rigidoro A Fectivo desta Freguezia de Silva Escura que Serti Fico, i juro que hu Man Sêbo José Filho de José Francisco da mar de Carvalho desta Freguezia hé hu Criato i á hu Anno aesta parte perdeu duês mezes i tanto com mulestia

i por a sim sér Verdade pas sei esta que a Simo

Silva Escura 22 de julho de 1892

(Este attestado está reconhecido pelo tabellião Maia Mendes, do Porto).

A scena representa uma freguezia do concelho de Barcellos. Vê-se uma encosta, e n'ella uma casa de campo. Ao subir o panno entra um personagem, chamado José Lisboa, n'um passo rapido a rir-se, trazendo um varapau nas unhas. Vaç direito a porta da tal mansarda e bate, truz, truz. A' janella vem uma mulher:

— Quem é?

— Ora Deus seja aqui. Diga a seu home que venho aqui de mando do sr. X. de Barcellos, para que elle vá pagar aquella conta, senão que é citado.

— Ai o meu José está doente na cama, com um *crasto*; adoeceu com uma *gaspria*; se quer vér entre.

— Não faz minga, nem tanto monta (diz maliciosamente Lisboa que reparou na *bacurada*, da

mulher) eu aguardito—e Deus queira que a *gras-pia* não passe a *remonte*».

Cahe o panno...

### NOTAS DA QUINZENA

Fertil como poucas em acontecimentos. O que mais a tem salientado, ainda assim, tem sido a pancadaria e as festas. Pancadaria grossa e festas finas, com gente fina. No dia da 1.<sup>a</sup> regata, á noite, ou já na madrugada da segunda-feira, pancadaria á porta do Oliveira. Dias adeante, pancadaria no jardim. Poucos dias de intervallo, pancadaria na rua da Ponte que foi um medo. Chamou-se por *socorro*, e, afinal, a senhora do Socorro apanhou a sua conta de forma tal que diz o abbade d'Alvellos que o negocio está muito serio. Em S. Bento umas lambudas. A' virada de S. Bento trovoada e ameaças ahí para traz da Praça. Em Goios um ex-regedor atira abaixo um braço a uma sarlinheira, com uma enxada virada ha dias do ferreiro...

Quinzena, pois, de pancadaria.

Festas muitas, tambem. Até os caixeiros cá da villa fizeram a sua, no rio, uma regata-parodia, que dizem os entendidos haver corrido bem. Os caixeiros tem ás vezes boas ideias. Levantam-se cedo, para ir á missa das almas e fallar á sopeirinha, que vaç tambem á dita, e o ar fresco da manhã faz muito bem á cabeça. Ora foi por isto que elles tiveram a feliz ideia de arranjar uma regata. Os premios foram de facil aquisição. Não foi preciso incomodar as senhoras casadas nem as meninas solteiras da alta rola. Nada d'isso. Os caixeiros não são pichenizes. Foram a casa do Thomaz, cotisaram-se, e compraram uma garrafa de canna e um maço de cigarros hig-life. Prompto. Eram 2 premios.

De forma que o vencedor da regata, quando algum dia for provedor da Santa Casa, ou director do Banco deve apresentar-se assim todo ancho com as suas distincções:



Porque os da regata-ensaio, especialmente os

## A LAGRIMA

que tiveram em sorte o premio das medalhas e dos afinetes de gravata, tambem se appresentam teozos com os seus crachats:



A festa fina foi o pic-nic na Franqueira. Espirito ás manadas, e alegria aos copos. Desde a ileia do Gonçalo, o carro-pic-niqueiro puxado pelo jumento do Lapuz, até ao estylo soporifero d'um noticiarista pindarico, tudo teve bons intentos e bons appetites.



Bom foi, e assim ainda se entende um pic-nic, entre familias de intimas relações. Agora, pic-nics a convite, como quem reúne accionistas para uma empresa, isso não se comprehende.

E' irrealisavel, e é ridiculo...

\*

S. Bento deu tambem a sua festa, com lucro de dinheiro para a Junta e canastras de cravos para o Reitor. Que bem os merece. E' bom moço.

Deus queira que o não estraguem as más companhias que por lá teve, padres afadistados, d'estes que não cabem nos presbyterios, e se afastam ate aos lavadouros novos das pontes-ferreas, etc., etc., em cata de mulheres como em cata de lebres.

Que, por causa de padres, vai por ahí fóra o Diabo. Até ha quem diga que foi por causa de o deixarem sahír de S. Bento, o diabo de pedra, que lá está n'um nicho a chegar uma rapariga nova ao santinho.

Que elle não se deixou tentar, foi lendo, len lo sempre.

E' como a «Lagrima». Não ha Diabo que a compre. Vae sempre dizem lo o que quer... in la que pese ao bispo e ao papa.

\*

Já que n'õ foram ouvidas as orações dos nossos leitores para que acabasse o espectáculo triste á porta da estação do caminho de ferro, damos hoje um *croquis* do que alli se passa á chegada de qualquer comboio. Os cocheiros não fazem aquillo por mal. Um puxa para aqui, outro leva para alli; mas é tudo por bem, tudo em beneficio do viajante. Todos lhe querem dar o seu carro.

O que é certo é que, entre tantas amabilidades, acontece que o viajante vai ficando sem roupa, e leva encontrão de meia noite.



Damas gentis.

Um dos premios da regata do dia de S. Pedro foi offerecido pelas **gentis** damas barcellenses. No «Primeiro de Janeiro» vem a relação das offe-rentes, abre-a o nome de uma senhora que terá, pelo menos, 1,<sup>m</sup>65 de altura e quasi outro tanto de lagura...

Ora bõlas.

### TELEGRAMMAS

A's 7 da manhã—Espozende.

Venha familia judiciária.

Barcellos—A. C.

Arranjaram-se logo lagostas, pasteis de Pão, caranguejos e arõlas. Tudo para o pic-nic.

A's 11 da manhã—Espozende.

Não venham. Pic-nic agua do bacalhau.

Barcellos—A. C.

Lagostas para o navio, pasteis...

Mas, se tudo estava comprado! Desarranjo inaudito. Quem hade comer agora aquella lagostada toda?!